Tudo é Rio (e Teatro)

Montagem: Águas Doces: Memórias de Rio.
Solo-Performance de Karina Diaz

Maria Luisa Rodrigues[1]

Quando tudo começou, apenas o som de assobios e da chuva nos davam um certo norte. Por trás das cadeiras, surgia uma luz branca que, de início, parecia fraca. Aumentava, trazendo consigo outra sonoridade: passos no chão. O assobiar deu lugar a um discurso sobre histórias, memórias e ensinamentos aprendidos em família. E assim, **Águas Doces: memórias de rio**, se iniciou.

Queria poder transmitir tudo o que pensei e senti durante o espetáculo de uma maneira que não fosse tão sentimental, levando para o lado de uma escrita racional e realmente com tom de crítica. Porém, a missão se torna quase impossível a partir do momento em que estamos abordando um solo autobiográfico, que conduz os olhos do espectador para algo que permeia por cada canto de Belém (e do Pará em si): a ancestralidade.

O Pará é terra ancestral. Durante uma das partes de seu monólogo, Karina, a atuante, ressalta que Belém foi construída em cima de rios. Rios que banham, levam e **contam um pouco sobre cada um de nós.** Karina também teve suas vivências ligadas ao rio.

Saudosa, retrata em sua arte os "sermões" que ouvia de sua mãe quando era pequena: "– **Sai do rio**, menina! Bora, **não é hora disso**!", ela dizia, demonstrando um pequeno pedaço de sua infância para nós.

Em **Águas Doces**, há um pouco do que pode ter sido a Karina-criança. No palco, sorria e brincava com os espectadores. Chamava para a brincadeira, contava: "um… dois… dois e meio…" e pedia para contarmos também. O momento que descrevo aqui foi um dos mais doces e bonitos do espetáculo.

Não demorou muito para que vê-la sorrindo me fizesse sorrir também, mesmo que meus olhos parecessem pequenas nuvens de chuva prestes a cair. Senti, por alguns instantes, o gosto agridoce em relembrar tempos onde tudo parecia ser mais simples, mais colorido. Queria poder sentir de novo aquela leveza.

[1] Graduanda do Curso de Licenciatura em Teatro.

Porém, nem só de calmaria vive a nossa história. No palco, o batuque agitado do tambor, o dançar e os lenços vermelhos que a atuante começou a segurar evocavam a energia batalhadora e ágil de Iansã, orixá das ventanias e tempestades, lembrando que é preciso lutar para manter nossas memórias e tradições de pé.

Memórias são lembranças que, de uma forma ou de outra, continuam vivas. Lembrar nos faz sentir, e sentir nos torna **pertencentes**. Pertencentes a algo, a um grupo ou a alguém. O solo traz essa noção de **pertencimento** atrelada à ancestralidade, ao vivenciar aquilo que nossas mães e avós consideravam sagrado. Ao encostar os pés na terra e sentir que faz parte daquele ambiente.

O pertencer é bonito. É como desbravar novos mundos, mas sempre relembrando o caminho de volta para casa. Porém, **e quando o pertencimento se torna uma vivência nebulosa?**

Enquanto belenense, sinto que estou em um entre-lugar. Um quase-algo. Nasci em um território cercado por rios, mas quase nunca me banhava em suas águas. Quando ando pelas ruas, vejo árvores por toda a minha volta (até mesmo as de mentira). Olhei para meus pés e percebi que eles jamais haviam subido em árvore alguma.

O espetáculo me atravessou ao trazer de volta minha (antiga) vontade de saber mais sobre de onde minha família e meus costumes surgiram, visto que, enquanto menina nascida na capital, eu nunca senti que pertencia a lugar algum que não fossem as ruas de Belém. As histórias que ouvi de minha família e a visão trazida pelo solo, então, me trouxeram um questionamento: **existe ancestralidade em uma cidade banhada em rios de concreto?**

Talvez essa pergunta seja respondida lá para frente. Ou, quem sabe, não tenha resposta. A única coisa que posso afirmar é que **Águas Doces** é um espetáculo lindo, no qual vale muito a pena tirar um pouco de seu tempo para assistir. O trabalho de Karina Diaz enquanto dramaturga, diretora e atuante possui não só presença, como uma verdade bonita de se ver. É como se, em cinquenta (ou mais?) minutos, tivéssemos um vislumbre das influências e dos laços que a tornaram a artista-pesquisadora que ela atualmente **é**.

Obrigada pela experiência, Karina!

Novembro de 2026